UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

ANIELY VALERIO DOS SANTOS

A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

CAMPINA GRANDE
2022

ANIELY VALERIO DOS SANTOS

A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientador: Professor Mestre Celso José de Lima Júnior

CAMPINA GRANDE
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Aniely Valerio dos.
A aprendizagem de língua inglesa e suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo na primeira infância [manuscrito] / Aniely Valerio dos Santos. - 2022.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2022.
"Orientação : Prof. Me. Celso José de Lima Júnior , Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Aquisição da linguagem. 2. Aprendizagem. 3. Língua estrangeira. 4. Processos cognitivos. 5. Ensino de língua estrangeira. I. Título

21. ed. CDD 372.65

Elaborada por Luciana D. de Medeiros - CRB - 15/508 BCIA2/UEPB

ANIELY VALERIO DOS SANTOS

A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMIERA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Aprovada em: 29 de Julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Celso José de Lima Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,0

Profa. Dra. Daniela Gomes de Araújo Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,0

Profa. Esp. Viviane Alves da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,0

Média: 8,0

Aos meus pais, por todo amor, companheirismo, confiança e incentivo, DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E AS DISTINTAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS 8

3 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA 10

4 PROCESSOS COGNITIVOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA 13

5 EDUCAÇÃO BILÍNGUE 15

6 BENEFÍCIOS COGNITIVOS 17

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 19

REFERÊNCIAS 20

A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

ENGLISH LANGUAGE LEARNING AND ITS CONTRIBUTIONS TO EARLY CHILDHOOD COGNITIVE DEVELOPMENT

Santos, Aniely Valério dos [1]

RESUMO

A linguagem é o meio de comunicação que os seres humanos utilizam para interagir no ambiente em que vivem. Os indivíduos têm a capacidade de aprender, para além da sua língua materna, outras línguas existentes no mundo. Na contemporaneidade, o ensino e a aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira (LE) têm aumentado, principalmente devido à globalização que intensifica o contato com as diferentes línguas e culturas do mundo, tornando, dessa forma a comunicação um fenômeno plurilinguístico. Com isso, surgiu o interesse de vários pesquisadores na área da linguística aplicada em estudar o processo de aquisição e aprendizagem de LE como segunda língua, bem como as suas implicações nos processos cognitivos dos indivíduos. À luz desses argumentos, este trabalho tem por objetivo refletir sobre as implicações da aprendizagem de língua inglesa como LE no desenvolvimento cognitivo de crianças. Já como objetivos específicos, nosso estudo pretende: (i) discutir a aprendizagem de LE na primeira infância; (ii) apresentar e discutir os processos cognitivos na aquisição de segunda língua; (iii) apresentar os principais benefícios do aprendizado de uma LE na infância; (iv) discutir o contexto da educação bilíngue nos anos iniciais no Brasil, e (v) investigar os desafios enfrentados pelas crianças durante o aprendizado de uma LE. Metodologicamente, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, amparados pelos estudos de Santos (2003), Silva (2011), Tafarel (2018), Soares (2019), entre outros. Teoricamente, navegamos por teorias que discutem sobre o desenvolvimento da linguagem (SANTOS, 2003; SILVA, 2011; TAFAREL, 2018). Além disso, discutimos o conceito de bilinguismo (BAKER, 2001; HIRSCH, 2011; FRIZZO, 2013; PAIVA, 2014), bem como os processos cognitivos (AMARAL, 2007; STANICH; MEIRELES, 2009). E por fim, sobre a educação bilíngue na infância e sobre os benefícios proporcionados pela aprendizagem de LE (HAMERS; BLANC, 2000; BENCHIMOL, 2001; BIALYSTOK, 2007), entre outros. Essa compreensão sobre o processo de aprendizagem de LE e suas implicações se divide em duas partes, na primeira, busca-se compreender as diferentes perspectivas teóricas, como a empirista, a cognitivista e interacionista, dentre outras. Já na segunda, são discutidos os processos cognitivos e a

[1] Graduanda em Letras Inglês pela UEPB. E-mail: aniely.santos@aluno.uepb.edu.br

educação bilíngue, com ênfase nos benefícios cognitivos. Por fim, são apresentados posicionamentos acerca da hipótese de que a aprendizagem de uma LE na infância é benéfica para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, tendo em vista a relevância deste benefício para as funções intelectuais em várias esferas sociais em nossa vida.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Aprendizagem; Língua Estrangeira; Processos Cognitivos.

ABSTRACT

Language is the means of communication that human beings use to interact in the environment in which they live. Individuals have the ability to learn, in addition to their mother tongue, other languages existing in the world. In contemporary times, the teaching and learning of English as a foreign language (LE) has increased, mainly due to globalization that intensifies contact with the different languages and cultures of the world, making communication a plurilingual phenomenon. With that, the interest of several researchers in the applied linguistics area emerged, to study the process of second language acquisition and learning of a LE, and its implications in the cognitive processes of individuals. In light of these considerations, this paper aims at reflecting on the implications of learning English as a LE on the cognitive development of children. As specific objectives, our study aims to: (i) discuss LE learning in early childhood; (ii) present and discuss the cognitive processes in second language acquisition; (iii) present the main advantages of learning a LE in childhood; (iv) discuss the context of bilingual education in the Brazilian early years, and (v) investigate the challenges faced by children during the learning of a LE. The methodological approach was based on a bibliographic research with a qualitative perspective, supported by the studies of Santos (2003), Silva (2011), Tafarel (2018), and Soares (2019), and others. Theoretically, we have navigated through theories that discuss language development (SANTOS, 2003; SILVA, 2011; TAFAREL, 2018). In addition, we discuss the concept of bilingualism (BAKER, 2001; HIRSCH, 2011; FRIZZO, 2013; PAIVA, 2014), as well as cognitive processes (AMARAL, 2007; STANICH; MEIRELES, 2009). And finally, about bilingual education in early childhood and its benefits provided by LE learning (HAMERS; BLANC, 2000; BENCHIMOL, 2001; BIALYSTOK, 2007), and others. This insight into the process of LE learning and its implications is divided into two parts. The first one seeks to comprehend the different theoretical perspectives, such as empiricist, cognitivist, and interactionist, among others. And in the second one, cognitive processes and bilingual education are discussed, with emphasis on cognitive benefits. To finish, the hypothesis that learning a foreign language in childhood is beneficial for the cognitive development of individuals is presented, considering the relevance of this contribution to the intellectual functions in many social spheres of our lives.

Keywords: Language Acquisition; Learning; Foreign Language; Cognitive Processes.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é o principal meio da comunicação humana, e é através dela que desenvolvemos habilidades, expressamos sentimentos, recebemos e compartilhamos informações. Uma dessas habilidades é falar uma ou mais línguas, seja por nascermos em um contexto bilíngue, em que duas línguas são vivenciadas e adquiridas simultaneamente, ou por nos inserirmos em contextos de ensino e aprendizagem de uma Segunda Língua (doravante L2)[2]. O estudo desse processo de aquisição de outra língua tem causado interesse de inúmeros pesquisadores da área da Linguística Aplicada, especialmente da psicolinguística. Esse interesse fez com que diversos estudos abordassem e discutissem a relevância da aquisição de L2, principalmente motivado pelo advento da globalização e suas implicações no dia a dia dos indivíduos (MEGALE, 2015). Além disso, a promoção e as oportunidades propiciadas pelas tecnologias digitais têm expandido as fronteiras, nos colocando diante de um mundo plurilíngue, oportunizando, dessa forma, o contato e uso com diferentes línguas estrangeiras, apesar da hegemonia da língua inglesa nestes espaços (CANAGARAJAH, 2013).

Além dos aspectos socioeconômicos, estudos apontam que a aprendizagem de Língua Estrangeira (doravante LE) pode influenciar aspectos relacionados às relações interculturais, bem como à capacidade cognitiva. No entanto, conforme Muner e Dias (2019), acreditou-se por muito tempo que este processo fosse prejudicial às crianças em seus processos de desenvolvimento cognitivo, que ocorreria atrasos nas habilidades e interações comunicativas, ou seja, a aprendizagem de uma LE nesta fase era concebida como uma desvantagem. A partir desse cenário, Elis (2015) aponta que a aquisição de L2 não é um processo simples, mas complexo que envolve inúmeros fatores, sendo este intimamente ligado ao processo cognitivo que sofre alterações por estar em interface com outro sistema linguístico.

No contexto brasileiro, estudos que abordam a aquisição de L2 e suas implicações cognitivas no desenvolvimento de crianças inseridas em contextos de ensino e aprendizagem de uma LE, tendem a ser mais estudados com o advento das escolas bilíngues no Brasil. Por esse motivo, algumas pessoas ainda têm dúvidas e receios, de que os indivíduos expostos a pelo menos duas línguas, possam ter desvantagens cognitivas, o que é preocupante, pois como afirma Flory e Souza (2009), é crescente o número de crianças inseridas no contexto bilíngue em nosso país, devido ao surgimento e expansão de escolas internacionais com programas bilíngues recentemente.

Nesse sentido, compreendendo a importância dos estudos, não só para a linguística aplicada, mas para a cognição dos indivíduos, emergiu a necessidade de se produzir mais conhecimento acerca das implicações da aprendizagem de LE (neste caso, a língua inglesa), no desenvolvimento de aspectos cognitivos de crianças, no contexto de escolarização, visto que, estudos justificam a importância de se iniciar a aprendizagem de uma LE na infância como sendo uma das melhores fases para o crescimento intelectual, pensamento lógico, flexibilidade, argumentação, comunicação, compreensão, entre outros. Por isso, pensamos na relevância de inserir crianças na educação bilíngue para o aperfeiçoamento do desenvolvimento cognitivo em várias esferas de sua vida.

Assim, considerando a importância da aprendizagem de uma LE na infância, objetiva-se, neste estudo, realizar uma reflexão sobre as implicações da aprendizagem de língua inglesa como LE no desenvolvimento cognitivo das crianças. Desta forma, temos

---

[2] Embora entendamos que existem diferenças entre as características inerentes aos processos de desenvolvimento de segunda língua em comparação aqueles de língua estrangeira, em especial em relação a quantidade e qualidade de exposição e uso da língua, neste trabalho, usaremos os termos indistintamente.

como pergunta de pesquisa norteadora para o desenvolvimento deste estudo: quais as implicações da aprendizagem de uma LE nos processos de desenvolvimento cognitivo nos anos iniciais do contexto escolar? Na tentativa de responder tal pergunta, construímos os seguintes objetivos específicos, a saber: (i) discutir a aprendizagem de uma LE na infância; (ii) apresentar e discutir os processos cognitivos na aquisição de L2; (iii) apresentar os principais benefícios do aprendizado de uma LE na infância; (iv) discutir o contexto da educação bilíngue nos anos iniciais no Brasil, e (v) investigar os possíveis desafios enfrentados por crianças durante o aprendizado de uma LE.

Para alcançarmos nosso objetivo, temos como suporte teórico os estudos de Santos (2003), Silva (2011), Tafarel (2018) e Soares (2019) que conceituam e discutem as teorias de Skinner, Chomsky, Jean Piaget e Vygotsky sobre o desenvolvimento da linguagem. Além disso, apresentamos e discutimos o conceito de bilinguismo através dos seguintes pesquisadores: Baker (2001), Hirsch (2011), Frizzo (2013), Paiva (2014), Eckert e Frosi (2015), Megale (2015) e Muner e Dias (2019). Sobre os processos cognitivos, nos apoiamos em Amaral (2007), Oliveira, *et al*., (2007), Stanich e Meireles (2009), Ferreira e Réginer (2010), Rodrigues (2018) e Preuss (2019). E por fim, os estudos de Hamers e Blanc (2000), Benchimol (2001), Bialystok (2007), Crosby e Prescod (2009), Flory e Souza (2009), Garcia (2009), Dias (2010), Bolzan (2014), David (2017), Hoexter (2017) e Muner (2019), os quais investigam a educação bilíngue na infância e discorrem sobre os benefícios proporcionados pela aprendizagem de LE, assim fundamentando esta pesquisa.

Como metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico que, de acordo com Gil (2002, p. 44), caracteriza-se como a pesquisa que "é desenvolvida em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Optamos pela pesquisa bibliográfica de base exploratória e abordagem qualitativa como suporte, diante da necessidade de discutir as implicações da aprendizagem de LE nos processos de desenvolvimento cognitivo na infância no contexto escolar. Nosso estudo se situa na área de linguística aplicada, com ênfase em psicolinguística e busca realizar um levantamento dos dados referentes ao tema através de pesquisas realizadas anteriormente sobre teorias da linguagem, aquisição de L2 e benefícios cognitivos na aprendizagem de uma LE.

Para uma sistematização e organização desta pesquisa bibliográfica, além desta introdução, nosso trabalho é composto por mais seis partes. Na segunda parte, abordamos distintas teorias de aquisição da linguagem, que discutem a aquisição de língua materna (oral) em crianças. Em seguida, na terceira parte, discorremos sobre aquisição e aprendizagem de LE, bem como, sobre o bilinguismo, como resultado do contato com mais de uma língua, seja por imersão ou aprendizado em contextos formais de educação. Na quarta parte, apresentamos os processos cognitivos, refletindo como o indivíduo desenvolve a comunicação responsiva, a partir da linguagem. Na sequência, na quinta parte, apresentamos e discutimos sobre a Educação Bilíngue no Brasil, e posteriormente na sexta parte, abordamos os benefícios cognitivos proporcionados pela aprendizagem de LE. Por fim, na sétima parte, tecemos as considerações finais.

2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E AS DISTINTAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Tendo em vista que a linguagem é a ferramenta principal da comunicação humana, muitos estudiosos da linguística, da psicologia, da antropologia e da biologia discutem sobre os princípios desse processo. Existem várias correntes teóricas (empirista; inatista;

construtivista; interacionista) que discutem e analisam como este processo ocorre, de forma natural, no ambiente, ou pela interação entre estes dois fatores. Apesar destas diferenças epistemológicas, muitas correntes teóricas concordam que a aquisição de uma língua envolve diferentes aspectos, sejam eles, biológicos, neurológicos e sociais (SILVA, 2011).

Neste trabalho, será feito um breve panorama das abordagens: empirista, onde encontramos as teorias behaviorista e conexionista; e da abordagem racionalista, a qual estuda as teorias: inatista, cognitivista e interacionista. Apresentaremos as distintas perspectivas que estas teorias discutem sobre o processo de aquisição da linguagem, para esclarecer como as crianças por volta dos dois anos de idade adquirem e aprendem uma língua. Depositaremos o foco na teoria interacionista, proposta por Vygotsky, que aborda a linguagem como fruto da experiência com o meio social.

Como afirma Santos (2003), o empirismo é a abordagem que defende a ideia de que todo conhecimento adquirido pelo ser humano é derivado da experiência sensorial que ele tem em sua vivência, e que a capacidade de formar associações entre estímulos, ou estímulos e resposta é inata dele. Essa proposta considera que a estrutura está no exterior, não no indivíduo, ou seja, o indivíduo não constrói a linguagem, mas adquire a partir do conhecimento e aprendizado.

Nesta abordagem, segundo Santos (2003), a corrente teórica behaviorista, proposta por Skinner baseia-se na ideia da observação e comportamento verbal, onde a criança adquire a linguagem a partir de estímulos externos e respostas, que se forem reforçadas positivamente, o comportamento é mantido, e se o reforço for negativo, o comportamento é eliminado. Desta forma, o indivíduo controla o comportamento verbal mediante as variáveis que determinam uma resposta específica. De acordo com os argumentos de Santos (2003), o behaviorismo estuda a língua sem se preocupar com a estrutura ou dados na construção da gramática, sendo assim, a aprendizagem acontece através da imitação ou memorização. Nesse sentido, na visão behaviorista, o indivíduo não se envolve no processo de aquisição, e isso gera questões do tipo: como explicar de que forma uma criança é capaz de produzir e compreender determinadas sentenças sem ter ouvido antes, se nem todas as sentenças produzidas têm referência em seu contexto.

Ainda na abordagem empirista, a teoria conexionista propõe que o indivíduo aprende a linguagem a partir de um processo interno das experiências e conexões neurais. Essa teoria explica que a linguagem ocorre no nível cerebral e não no mental, e analisa os mecanismos que embasam o processo mental se importando com os dados recebidos no *input* e *output* para aprendizagem.

Conforme Santos (2003), na abordagem racionalista, a corrente teórica inatista, proposta por Chomsky, pressupõe que os indivíduos possuem um conhecimento não derivado da experiência, mas de um estímulo da experiência. Santos (2003) aponta que para Chomsky, o conhecimento da língua não se dá por meio da observação dos dados, este acredita na criação de um conjunto de informações inatas. Segundo a teoria, a criança adquire a língua no contexto a partir do *input* que ativa um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) fazendo com que a criança comece organizar regras gramaticais em sua mente, chamada de Gramática Universal (GU), que por sua vez, acontece através da tentativa de erros e acertos. Esse processo é feito de forma individual.

Já na perspectiva da teoria cognitivista pelo teórico Jean Piaget, a aquisição e desenvolvimento da linguagem ocorrem gradativamente, através da interação que a criança tem com o ambiente em que está inserida. A teoria cognitivista, de Piaget, estaria vinculada à linguagem para cognição, nela o desenvolvimento cognitivo passa por estágios: sensório - motor (0 a 18 meses); pré-operatório (2 a 7 anos); operações concretas (7 a 12 anos) e a partir dos doze anos operações formais. O desenvolvimento desses

estágios é contínuo com uma série de competências diferentes e uma sucessão de aquisição e transformações qualitativas (SANTOS, 2003).

Por último, a teoria interacionista, proposta por Vygotsky, em especial no livro *A Construção do Pensamento e da Linguagem*, Vygotsky defende a ideia que a linguagem é antes de tudo social, não sendo um fenômeno que ocorre exclusivamente por funções biológicas. Em suas pesquisas, Vygotsky propõe que a linguagem é originada externamente e socialmente por meio da relação com os outros. Nessa perspectiva, através dos instrumentos culturais, como os signos linguísticos e a própria experiência sociocultural, os indivíduos aprendem a verbalizar seus pensamentos. Diante disto, o autor coloca que o desenvolvimento linguístico da criança passa por uma fase pré-intelectual onde se desenvolve a pré-linguística, e no encontro destas duas operações o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional. No desenvolvimento da linguagem e pensamento, Vygotsky (2001) apresenta quatro fases mentais: a fase natural, que corresponde ao discurso pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal, no qual a criança desenvolve pela experiência com as propriedades físicas de seu corpo e dos objetos que a cercam, e aplicam esta experiência no uso de instrumentos; e a fase das operações externas que auxilia na solução dos problemas internos, e na fase do crescimento interior, as operações externas são interiorizadas pela criança e transformadas em sua memória lógica.

Baseada nestas quatro fases mentais propostas por Vygotsky, Soares (2019, p. 9) enfatiza o papel fundamental da interação social no desenvolvimento da linguagem dos indivíduos. Segundo a autora, pela interação com membros de uma cultura e grupo social que a criança "sujeito biológico, transforma-se gradativamente em sujeito sócio-histórico". Nesse sentido, o indivíduo adquire a linguagem a partir da interação mediada por sujeitos e suas construções sociais, históricas e culturais do conhecimento e comportamento. Além disso, é importante destacar que a criança se desenvolve na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, que uma vez orientada por adultos e até mesmo crianças elas vão se desenvolvendo e saindo do fazer com alguém para o fazer autônomo. Estas ideias caracterizam de forma mais geral a concepção interacionista, na qual os indivíduos são capazes de internalizar esses construtos, no qual a linguagem exerce papel fundamental para o desenvolvimento dela mesma como função superior e ferramenta semiótica de agir no mundo (BRONCKART, 1999).

3 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Após as colocações sobre a aquisição da primeira língua (L1), apresentaremos como ocorre o processo de aprendizagem de LE na infância, para discutirmos sobre o bilinguismo como resultado deste processo. Segundo Flory e Souza (2019), estes processos envolvem mitos, um desses mitos é a desvantagem cognitiva das crianças[3] ao aprender uma LE. Em vista disto, estudos feitos na Linguística Aplicada explicam como se desenvolvem estes processos, e se este mito pode ou não ser sustentado. Para compreendermos tal processo, a princípio, iremos analisar os aspectos que diferencia a aprendizagem de LE da aquisição de L2.

Buscando apresentar a distinção entre aquisição de L2 e aprendizagem de LE, Paiva (2014) apresenta a teoria de Stephen Krashen, na qual consiste de cinco hipóteses (hipótese aquisição-aprendizagem; hipótese de ordem natural; hipótese do monitor;

[3] Compreende-se neste trabalho, que criança é o indivíduo na fase da infância, que vai dos 2 anos até 7 anos de idade.

hipótese do *input*; e hipótese do filtro afetivo). Na hipótese aquisição - aprendizagem, a aquisição de uma L2 acontece na imersão, onde a língua é absorvida de maneira inconsciente, sem regras do uso do idioma. Já a aprendizagem é um processo orientado e guiado, assemelha-se a um aprendiz na sala de aula, a língua é aprendida consciente e com suas regras funcionais do idioma.

A hipótese da ordem natural considera que a aquisição da L2 ocorre na mesma ordem e sequência que a aquisição de L1 é adquirida, e que adquirimos as regras de uma língua de maneira previsível. Nesta hipótese, Krashen expor ênfase na língua inglesa, segundo a autora, é possível que as crianças adquiram o inglês da mesma forma que adquirem a L1, no fato de adquirirem morfemas gramaticais ou palavras de funções desde cedo, enquanto na aprendizagem de outras LE estes aspectos levam mais tempo para serem adquiridos pelos indivíduos.

A hipótese do monitor está ligada à noção de aprendizagem, a função desta teoria é de monitorar os erros que cometemos, ou focar na correção dos erros cometidos nas sequências comunicativas que são internalizadas pelo processo de aquisição. Ou seja, esta hipótese se preocupa com o falar e se expressar corretamente a partir do conhecimento da língua, assim, esse conhecimento serve para realizar correções no *output* antes do indivíduo produzir sentenças orais ou escritas.

A Hipótese do *Input* postula que a aquisição de uma língua acontece a partir da exposição que o indivíduo tem aos elementos linguísticos nos momentos de conversação inconsciente. O indivíduo adquire o significado das palavras e a estrutura da língua sem se preocupar com a forma, apenas com o uso para comunicação. Desse modo, quanto maior e correto for o *input*, melhor será o desempenho da produção linguística pelo aprendiz. Por isso, a aquisição de uma língua se dá a partir de *inputs* compreensíveis.

A hipótese do filtro afetivo nos explica que a aquisição de uma língua só ocorre se o indivíduo estiver motivado para aprender. Pois, a partir dos *inputs* recebidos se o indivíduo estiver com a falta de autoconfiança, ansiedade, desmotivação, insegurança, entre outros, gera um bloqueio mental que pode impedi-lo de usar o *input* adquirido para aquisição da língua. Por este motivo, é necessário que o indivíduo saiba lidar com as emoções e situações que possam causar estresses, para que não gere este bloqueio na passagem das informações no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a autora afirma que é possível adquirir uma língua através da aprendizagem (PAIVA, 2014).

Segundo Tafarel (2018), a aquisição de L2, é um processo de assimilação natural, que acontece através da imersão do indivíduo em um ambiente ou sociedade com uma língua diferente de sua língua nativa, onde o indivíduo adquire a L2 espontaneamente, semelhante a aquisição da L1. Sob à luz da ideia da teoria interacionista, a aquisição de segunda língua ocorre por meio de interações com outros indivíduos mediados por padrões da cultura vigente à qual estão expostos. Nessa perspectiva, as crianças adquirem a L2 através da experiência e do contato com a língua em uso. Assim, elas internalizam as informações de outra língua como em sua língua materna e depois a produzem (TAFAREL, 2018).

Na concepção de Eckert e Frosi (2015), a aquisição de L2 é adquirida de forma similar a língua materna, com reforço primário e uma exposição maior a língua que os falantes da região estão usando. Assim sendo, o aprendiz se dedica ao ritmo e entonação de sons típicos desenvolvendo familiaridade com as características da língua e adquire espontaneamente a L2. Por outra perspectiva, os autores apontam que o aprendizado de LE acontece diferentemente, em um contexto formal, como por exemplo, em uma escola ou áreas afins, com o ensino de regras gramaticais, de forma controlada e organizada, não tendo uma retenção de dados na memória, com reforço secundário e tempo de exposição à língua reduzido.

Gargalho (2010 *apud* ECKERT e FROSI 2015, p. 207) distingue a aquisição de L2 e a aprendizagem de LE, da seguinte forma:

> [a primeira] ocorre, por exemplo, quando alguém se muda - por um motivo qualquer - para um país cuja língua difere da sua língua de origem e passa a internalizar a língua desse país por simples exposição natural e por interação com os falantes nativos. Já a aprendizagem acontece com aqueles estudantes que, em seu país de origem, internalizam o funcionamento da língua estrangeira a partir de um processo formal, seja ele ministrado numa universidade, colégio ou centros de idiomas (GARGALHO, 2010, p. 20).

Com base nisso, compreende-se que o processo de aquisição de L2 é fruto de interações e convívio, que acontece sem regras como na aquisição da L1, onde o indivíduo internaliza a língua sem se preocupar com a gramática ou em cometer erros. Enquanto a aprendizagem de LE, acontece consciente, e por alguma necessidade daqueles que buscam aprender outra língua por interesse pessoal, técnico ou profissional.

Frizzo (2013) aponta que a aprendizagem de LE, advém de estudos formais, que geralmente acontece na sala de aula por meio de exercícios comunicativos e gramaticais propostos pelo professor, com *feedbacks* e correção dos erros, visando o desenvolvimento e domínio de estruturas formais para conversação e aprendizagem da língua alvo. Dessa forma, quando o objetivo do falante é a aquisição, não há estruturação ou sequência ao aprender, enquanto na aprendizagem de LE há uma sequência de estruturas e regras ensinadas de cada vez. Assim sendo, ainda percorrendo pela ideia interacionista, a criança aprende por meio da observação e repetição, como aponta Tafarel (2018).

Considerando as colocações expostas, a aquisição de L2 e a aprendizagem de LE é desenvolvida por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas em uma primeira língua. No entanto, seus processos não são semelhantes. Segundo Neves (2012), qualquer língua adquirida ou aprendida depois da L1, é uma língua adicional, e o bilinguismo, o resultado disto. Porém, Benchimol (2001) afirma que a definição do bilinguismo não é tão simples como parece ser, e se faz um desafio entender as diferentes esferas onde esse processo acontece.

Na visão popular, segundo Megale (2015) ser bilíngue é ter o domínio de duas línguas perfeitamente. Em conformidade, Bloomfield (1933 *apud* SILVA 2011, p. 36) defende o bilinguismo como “o controle de duas línguas no mesmo nível". Nesses termos, o bilinguismo seria o resultado de duas línguas adquiridas pelo indivíduo. Para Megale (2015), o ser bilíngue é aquele que possuí duas línguas, e que entre estes, também estão incluídos os indivíduos que fazem o uso de mais de duas línguas e aqueles que possuem diferentes graus de proficiência, como por exemplo, ser capaz de entender uma L2 perfeitamente, mas não possuir a habilidade para se expressar oralmente ou aqueles que falam outras línguas, mas não escrevem. Concordando com Megale (2015) entendemos por bilinguismo, a habilidade do indivíduo entender e produzir sentenças em línguas diferentes para comunicação.

Baker (2001) distingue o bilinguismo pelo uso e habilidade da língua, visto que o indivíduo é capaz de administrar duas línguas de diferentes maneiras, e podem falar duas línguas tranquilamente, porém sentem-se confortáveis para ler ou escrever em apenas uma delas. Dessa forma, o sujeito será mais proficiente em uma língua do que em outra. Baseado nisto, Baker (2001) divide o bilinguismo em duas dimensões, o circunstancial e eletivo, discutidos a seguir.

No bilinguismo circunstancial, os indivíduos aprendem uma segunda língua por necessidade para se comunicar na comunidade em que estão inseridos e assim sobreviver.

Nesse caso, há chances de, consequentemente, a primeira língua ser substituída pela segunda língua. Em contrapartida a esta dimensão, no bilinguismo eletivo os indivíduos podem escolher aprender uma nova língua, sem desvincular-se da língua materna, pois o contexto no qual estão inseridos permite o uso das duas línguas. Baker (2001) afirma ainda que, definir quem é considerado bilíngue, ou o que torna uma pessoa bilíngue, não é difícil, e que o ideal seria uma categorização para designar este termo. Segundo ele, a língua é usada em diferentes contextos e para diferentes fins. Por isso, algumas pessoas podem ser mais competentes em alguns aspectos da língua, enquanto outros não.

Muner (2019) considera o bilinguismo como um contínuo linguístico entre dois extremos teóricos de competência nativa e comunicativa, que envolve vários aspectos, neurológicos, psicológicos, biológicos e sociais. Além disso, o autor ressalta que o bilinguismo quando desenvolvido na infância tende a influenciar sobre as habilidades que os indivíduos desenvolverão nas fases superiores de sua vida. O autor reitera que o bilinguismo na infância facilita e estimula o desenvolvimento dos processos cognitivos.

Segundo Hirsch (2014), a infância é a fase ideal para a aprendizagem de LE, pois no período crítico, o qual antecede a puberdade, o cérebro apresenta um elevado potencial de plasticidade, ou seja, nessa fase a criança é sensível aos estímulos do cérebro e ao receber esses estímulos desenvolvem as habilidades cognitivas de forma mais positiva. Hirsch (2014) afirma também que na fase adulta, esses estímulos acontecem lentamente, uma vez que, o período crítico limita a capacidade do indivíduo aprender outra língua, pois as redes neurais já estão reforçadas e as células de seu cérebro não é tão receptiva como o cérebro da criança. Por isso, a infância seria a fase propícia para aprendizagem de uma LE, visto que o resultado dessa aprendizagem traz vantagens relevantes para os processos de desenvolvimento cognitivo das crianças no contexto escolar.

Como neste trabalho, tratamos das implicações da aprendizagem de LE sobre o desenvolvimento cognitivo na infância, consideraremos o bilinguismo como resultado da aprendizagem de uma LE, o qual além de proporcionar o conhecimento das diferentes culturas, contribui nas habilidades cognitivas das crianças. Sendo assim, é necessário pensar em como esses processos são trabalhados, visto que estão relacionados com a linguagem e conhecimento adquirido pelos indivíduos.

4 PROCESSOS COGNITIVOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

De acordo com Stanich e Meireles (2009), a Linguística Cognitiva considera a linguagem como uma característica integral dos processos de cognições, e como responsável pelo acesso aos fenômenos cognitivos, tal como percepção, atenção, memória, raciocínio, pensamento e categorização da língua. Assim sendo, segundo Preuss (2019), a linguagem funciona como uma instrução para os indivíduos e os processos cognitivos seriam os efeitos da instrução.

Do ponto de vista da Linguística Aplicada, segundo Stanich e Meireles (2009), a capacidade do indivíduo de aprender a se expressar e desenvolver suas cognições através da linguagem, está intrinsecamente ligada ao funcionamento de uma rede de neurônios interconectados, que permite ao sujeito entender, falar e pensar. Através destas atividades, eles armazenam dados de diversas estruturas sintáticas e unidades lexicais, e fazem interconexões com o mundo físico, afetivo e social (STANICH; MEIRELES, 2009).

Segundo o Cognitivismo, os processos cognitivos são resultados de um processo interno do pensamento. O indivíduo conhece a linguagem e a compreende, depois relaciona, organiza, associa, assimila e atribui significados a determinadas coisas. A partir do conhecimento, ele realiza atividades cognitivas. Assim, o sujeito desenvolve seus

processos cognitivos ao conhecer a linguagem. Estes processos são intransferíveis e inalienáveis, ou seja, um indivíduo não pode realizá-lo pelo outro (AMARAL, 2007).

Para Piaget (1974, *apud* OLIVEIRA *et al*., 2007, p. 141), o ser humano tem em seu organismo estruturas cognitivas que se desenvolvem internamente e se organizam à medida que o indivíduo passa por fases no desenvolvimento elementar. Na fase dos anos iniciais de vida à puberdade, as estruturas cognitivas passam de intuitivas no neonato para sensório motora nas crianças, na fase da adolescência e posteriores a adolescência, as estruturas cognitivas se transformam na estrutura operacional do adulto para atender as necessidades geradas no meio social. Assim, os processos cognitivos são gerados conforme o desenvolvimento destas fases com variabilidades de indivíduo para indivíduo.

Oliveira *et al.* (2007) afirma que para Piaget, o desenvolvimento cognitivo ocorre a partir da compreensão que o indivíduo tem com o meio e do esforço mental que ele faz para assimilar os elementos das estruturas cognitivas existentes. Nesse mesmo viés, Dias (2010) argumenta que Piaget entende os processos cognitivos como uma adaptação das estruturas cognitivas interiorizadas. Nesse sentido, a criança une as ações mentais com o físico para realizar algum exercício, ou seja, a capacidade cognitiva é construída mentalmente e depois aplicada ao meio.

Estes autores acrescentam que este desenvolvimento cognitivo pode ser compreendido pela perspectiva vygotskiana. Segundo os autores, para o indivíduo desenvolver os processos cognitivos é preciso que ele tenha conhecimento das ferramentas intelectuais. Uma dessas ferramentas, seria a própria linguagem. Através da linguagem e dos estímulos externos que acontecem na interação com os pais, companheiros e amigos, o indivíduo interioriza as informações e desenvolvem as suas aprendizagens cognitivas. Nesse sentido, o convívio social, o diálogo e a comunicação entre as pessoas propicia o desenvolvimento cognitivo para a criança e influencia na construção das estruturas cognitivas. Desta forma:

> o desenvolvimento cognitivo é o aprendizado e desenvolvimento das estruturas cognitivas e ligações neurais através de estímulos externos e do contato com outros indivíduos, que atuariam como constituintes e auxiliares deste. Este desenvolvimento é natural e seu processo varia de indivíduo para indivíduo (VYGOTSKY, 1978 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2007, p. 142).

Assim, o desenvolvimento cognitivo é o resultado do processamento de informações que as crianças têm do ambiente físico e social que convivem, e os indivíduos seriam mediadores nesse processo. Por isso, segundo Preuss (2019), a linguagem e interação tem papel fundamental no desenvolvimento dos processos cognitivos, visto que as crianças desenvolvem suas cognições a partir do conhecimento.

Nesse sentido, Wallon (2008 *apud* FERREIRA e RÉGNIER, 2010, p. 27) afirma que o desenvolvimento das cognições do indivíduo ocorre através da comunicação, dos gestos e olhares. Desse modo, as crianças utilizam a atenção para desenvolver suas experiências motoras. Segundo os autores, a aprendizagem e cognição não se separam, pois são processos dependentes um do outro. Como afirmou o autor, “a cognição é um elemento fundamental na psicogênese[4] da pessoa completa, sendo seu desenvolvimento também relacionado às bases biológicas e suas constantes interações com o meio” (p. 8). Dessa forma, a linguagem é um instrumento de suporte para o desenvolvimento cognitivo.

---

[4] Segundo Wallon (2008 *apud* FERREIRA; RÉGNIER, 2010, p. 27), psicogênese da pessoa completa é a capacidade do indivíduo responder a reações internas e externas em situações variadas.

De acordo com Rodrigues (2018), a criança controla o ambiente com a fala e depois controla o seu próprio comportamento. Isto é, por meio da fala as crianças são capazes de desenvolver habilidades e realizar ações em seu contexto social. Portanto, a linguagem tem um papel fundamental e central no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Conforme assinala Rodrigues (2018), a criança desenvolve seus processos cognitivos a partir do contato com outras pessoas, com seu próprio corpo e de objetos ao seu redor. A autora enfatiza ainda que o indivíduo, que faz uso de mais de uma língua, pode desenvolver as habilidades cognitivas com mais facilidade. Sendo assim, a autora sustenta que a aprendizagem de uma LE pode auxiliar no desenvolvimento deste processo.

5 EDUCAÇÃO BILÍNGUE

A seguir, apresentaremos algumas concepções sobre a educação bilíngue no Brasil para compreendermos como os processos cognitivos se desenvolvem quando a criança aprende uma LE. A Educação Bilíngue, segundo Hoexter (2017), apresenta-se como uma educação que promove o desenvolvimento de uma L2 ou LE, além da língua materna. Diante disso, David (2017) considera a educação bilíngue como o ensino de línguas para diferentes tipos de alunos e contextos. Segundo o autor, existem vários programas de imersão para a educação bilíngue, os quais podem se chamar de: educação bilíngue de submersão, imersão estruturada, modelo transitório, manutenção da linguagem de desenvolvimento tradicional, e imersão em duas vias.

No modelo de submersão, o professor faz uso exclusivo da LE no processo de ensino-aprendizagem. Pois o uso da L1 é proibido ao professor na sala de aula, visto que supõe o atraso do domínio da LE pelo aluno. Já no modelo de imersão estruturada, o ensino de LE deve ser facilitado pelo professor com um intermédio de textos e conteúdo apresentado por mídias. O professor deve usar materiais didáticos que visem o interesse dos alunos pelo aprendizado. O modelo transitório permite o uso da L1 pelos alunos quando eles não conseguem se comunicar na língua alvo (LE). O modelo de manutenção da linguagem de desenvolvimento tradicional, oferece aos professores o uso das duas línguas (L1 e LE) ao ensinar. Ou seja, o professor pode fazer um intermédio entre as línguas na sala de aula. Por fim, o modelo de imersão em duas vias, o qual destina-se a facilitar a aprendizagem de LE. Neste, o ensino envolve falantes nativos de L1 e L2 em uma mesma escola, assim os alunos adquirem e aprende uma língua com facilidade (HOEXTER, 2017).

De acordo com Hoexter (2017), o modelo que mais se aproxima ao ensino das escolas bilíngues do nosso pais é o modelo de imersão. Assim, Hoexter (2017) salienta que os programas de educação bilíngue podem ser considerados de distintas formas, pois na literatura não há metodologias adequadas para o ensino de línguas. Por isso, como afirma Mello (2010 *apud* DAVID, 2017):

> a própria expressão educação bilíngue tem sido usada de maneira abrangente para caracterizar diferentes formas de ensino nas quais os alunos recebem instrução (ou parte da instrução) numa língua diferente daquela que normalmente eles usam em casa. Vários são os modelos e tipos de educação bilíngue. Eles, porém, diferem quanto aos objetivos, às características dos alunos participantes, à distribuição do tempo de instrução nas línguas envolvidas, às abordagens e práticas pedagógicas, entre outros aspectos do uso das línguas e do contexto em que estão inseridos (p. 185).

À face do exposto, a educação bilíngue é vista como uma educação que possibilita a competência em duas ou mais línguas por meio de instruções dadas na língua alvo. Para Harmes e Blanc (2000), a educação bilíngue é um sistema de educação escolar onde há um planejamento e instrução em pelo menos duas línguas. Segundo eles, não se pode considerar educação bilíngue os programas que ensinam a LE ou L2 como uma matéria sem outro uso em outras atividades acadêmicas. Diante desse cenário, Megale (2015) caracteriza os programas de educação bilíngue em três categorias. Na primeira categoria, a instrução dada em sala de aula acontece tanto na língua materna como na LE de forma simultânea. Na segunda categoria, a instrução é dada apenas na L1 enquanto os alunos aprendem a L2. Já na terceira categoria, a instrução acontece na LE, podendo o professor utilizar a língua materna apenas para tirar as dúvidas dos estudantes.

Além disso, Megale (2015) expressa que a educação bilíngue consiste na divisão de dois grandes domínios que são: educação bilíngue para as crianças de grupos minoritários e educação bilíngue para crianças do grupo maioritário ou dominante. No grupo minoritário, estão incluídas as crianças que vêm de comunidades desprovidas socialmente, por exemplo, o grupo de indígenas no Brasil. Já no grupo maioritário, a educação bilíngue é vista como uma educação de caráter elitista, neste o aprendizado visa o conhecimento de outras culturas e a habilitação da LE para estudar em outro país (MEGALE, 2015).

Benchimol (2001) afirma que a educação bilíngue está cada vez mais ganhando espaço no Brasil, e conquistando um grande número de crianças inseridas nesse tipo de educação. Nesses termos, Garcia (2009) pontua que a educação bilíngue visa uma educação relevante que desperta de um amplo entendimento sobre as línguas e culturas do mundo, objetivando a compreensão dos cidadãos de como funcionam tais culturas. Segundo Hoexter (2017), no Brasil, a educação bilíngue proposta nas escolas públicas é estabelecida pelo MEC que promove além do ensino de conteúdos curriculares, o ensino de um componente curricular em LE. Hoexter (2017) coloca que isto difere das escolas de idiomas, que ensinam todos os conteúdos curriculares na LE, promovendo a imersão do sujeito no idioma.

Harmes e Blanc (2000) também chamam a educação bilíngue de imersão, os quais se ancoram em duas hipóteses; na primeira, os estudantes aprendem a L2 de modo semelhante ao aprendizado de uma L1, já na segunda hipótese, os estudantes aprendem a língua em um contexto estimulante aprimorando as funções da língua, ou seja, as crianças são expostas de forma natural, mas para algum propósito. Nesse sentido, relacionando as perspectivas de alguns autores neste trabalho, na primeira hipótese, a criança adquire uma L2 e na segunda hipótese eles aprendem uma LE.

David (2017) expõe que na sociedade brasileira a procura pela educação bilíngue tem se tornado frequente, principalmente sustentado pelo argumento que aprender uma LE na infância auxilia nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nessa perspectiva, o autor infere que a aprendizagem do inglês tem sido uma das línguas mais procuradas pelos pais quando se fala em inserir a criança na educação bilíngue dentro do paradigma globalização. À vista disso, o autor expõe que esta procura fez com que se expandisse e disseminasse diversas escolas de línguas, escolas bilíngues e o surgimento de cursos para atender a demanda deste público em específico.

David (2017) ainda acrescenta que a intenção dos professores e dos pais ao possibilitar meios para a inserção e imersão da criança neste tipo de educação é para que eles se preparem para o mercado de trabalho no futuro e se qualifiquem para melhor atuar em suas funções. De acordo com o autor, a educação bilíngue no Brasil ainda é um desafio, pois o estado limita o ensino de uma LE nas escolas públicas. Assim permitem

que as escolas particulares ofereçam um ensino diferenciado e, nesse sentido, os alunos se tornam clientes e o aprendizado uma mercadoria. Ainda nas palavras de David (2017), no sentido de consumo, há uma exclusão daquelas crianças que não podem ser inseridas nestas escolas pelas condições socioeconômicas.

Assim, se tratando de desafio, Silva (2011) aponta que a educação bilíngue varia de região para região e no contexto nacional, o modelo de educação bilíngue não é contemplado pela legislação social, como o contexto de educação bilíngue dos indígenas e de surdos, que apesar dos desafios enfrentados, estão/(são) contemplados pela legislação brasileira. A autora expressa que as crianças que estudam em escolas públicas enfrentam desafios ao aprender uma LE, pois não conseguem desenvolver a fluência por só ter contato com a LE em um componente curricular. Por isso, para alguns autores a educação bilíngue é considerada como de elite ou de prestígio.

Apesar dos desafios existentes na educação bilíngue, Moura (2010, *apud* BOLZAN 2014, p. 4) expõe que inserir as crianças nesta educação não é apenas para que elas garantam o conhecimento de determinada área de conteúdo na LE, mas que esses indivíduos ampliem seu repertório linguístico, conheçam as diferentes culturas, além disso, trabalhem os neurônios e habilidades cognitivas. A autora destaca ainda que a "educação bilíngue não é sinônimo de escola bilíngue, pois o aprendizado de duas línguas pode ocorrer em uma variedade de situações" (BOLZAN, 2014, p.5). Com base nessa definição, é possível entender que a educação bilíngue se dá de diversas formas e que acarreta uma variedade de possibilidades para os indivíduos.

Considerando o que vem sendo exposto, Harmers e Blanc (2000) enfatizam que o fator mais importante no contexto bilíngue é a valorização de ambas as línguas, pois a língua materna é indispensável para a experiência bilíngue. Os autores também argumentam que o desenvolvimento da linguagem está ligado ao desenvolvimento cognitivo, e que o aprendizado de uma LE é relevante para o desenvolvimento intelectual da criança. Nessa perspectiva, eles consideram que a aprendizagem de uma LE facilita os processos de desenvolvimento cognitivos das crianças.

6 BENEFÍCIOS COGNITIVOS

Segundo Harmers e Blanc (2000) é por meio da socialização da linguagem que a criança aprende e desenvolve os aspectos cognitivos. Essa ideia estaria ligada a teoria interacionista citada previamente neste trabalho, que aponta a experiência como responsável pelo crescimento cognitivo. Esses autores acrescentam que essa experiência com uma LE gera implicações para o desenvolvimento das habilidades cognitivas. Pois a internalização de duas línguas realiza um "cálculo mental", ou seja, a criança alterna dois sistemas de regras de símbolos linguísticos, isso resultaria numa maior flexibilidade cognitiva.

De acordo Benchimol (2011), a educação bilíngue para crianças tem boas influências, visto que quanto mais cedo uma criança é inserida no contexto bilíngue mais facilidade ela adquire com relação a assimilação de conteúdos no contexto escolar, como também em outros processos, os quais resultarão satisfatoriamente em seu desenvolvimento. Nessa mesma perspectiva, Flory e Souza (2009) afirmam que a criança inserida na educação bilíngue pode ter um impacto significativo no seu desenvolvimento cognitivo. As autoras salientam que o bilinguismo tem influência positiva sobre as habilidades que a criança desenvolve no contexto escolar nos diferentes tempos, com isso, elas mencionam que seria vantajoso tornar-se bilíngue ainda na infância.

Assim sendo, Garcia (2009) concorda com as afirmações expostas anteriormente, afirmando que os indivíduos bilíngues conseguem assimilar conteúdos com facilidade, entender situações e pessoas nos diversos contextos, e são capazes de fazer escolhas adequadas às suas necessidades. Nesse sentido, Diaz e Klinger (2000 *apud* FLORY; SOUZA 2009, p. 45) argumentam que inserir as crianças a partir dos três anos de idade na educação bilíngue traz vantagens nas habilidades verbais e não-verbais, no controle do processo da língua nas interações sociais e nas devidas cognições. Segundo as autoras, para surgir efeitos positivos os indivíduos não necessariamente precisam ter uma proficiência de alto nível sobre a LE, pois os benefícios aparecem desde cedo.

Flory e Souza (2009) complementam quando afirmam que independentemente da fluência da língua, os aspectos cognitivos fazem conexões neurais que são notadas na prática de atividades realizada pela criança. Diante disso, Bialystok (2007) explica que as crianças bilíngues ganham o controle das funções executivas mais cedo do que as crianças monolíngues. Segundo a autora, quando a criança bilíngue está fazendo a mesma tarefa que a criança monolíngue é possível perceber o maior desempenho da criança bilíngue, pois consegue ignorar as informações que possam atrapalhar, ou seja, a criança bilíngue tem o controle de atenção e habilidade inibitória. Bialystok (2007) enfatiza ainda que as crianças que têm contato com uma LE podem ter influência positiva no desenvolvimento social e neuropsicológico.

A vista disso, Flory e Souza (2009) ressaltam que a infância é o período em que a capacidade de aprendizagem é mais potente para adquirir conhecimentos e por isso, através da aprendizagem de uma LE, as crianças são capazes de desenvolver suas habilidades cognitivas com flexibilidade. As autoras também colocam que as crianças bilíngues aprendem mais palavras e significados, são atenciosas e mais criativas, conseguem desenvolver atividades matemáticas com facilidade, resolver questões de raciocínio lógico, armazenam mais informações e tem uma imaginação maior do que as crianças monolíngues.

Em conformidade, Crosby e Prescod (2009) acentuam que estudantes bilíngues superam os estudantes monolíngues em testes de inteligências verbais e não verbais. As crianças bilíngues interpretam e assimilam instruções com rapidez e não se distraem facilmente. Assim, elas priorizam internamente as informações valiosas. Nesse sentido, os autores pontuam que o funcionamento executivo do desenvolvimento cognitivo é uma ferramenta valiosa para aprendizagem. Bialystok (2007) concorda, segundo ela, o desenvolvimento cognitivo é impactado de forma positiva pela habilidade bilíngue. Flory e Souza (2009) ainda destacam que as crianças bilíngues são capazes de lembrar as diferentes informações e de fazer associações entre elas, de rever a forma de agir em determinadas situações, de planejar algo e consegue filtrar distrações. Nesse sentido, ao aprender uma LE, as crianças ganham habilidades que são adicionadas ao desenvolvimento cognitivo delas, elas são capazes de controlar o comportamento e o pensamento e focar nas tarefas que irá desenvolver ao seu redor.

Segundo Baker (2001), as crianças bilíngues conseguem ter um pensamento divergente, o qual seria um tipo de pensamento alternativo, ou seja, pensamento imaginativo, criativo, elástico, mais livre e aberto para novos fechamentos. Nesse pensamento, a criança pensa em várias respostas de formas diferentes e válidas. Enquanto as crianças monolíngues fazem uso do pensamento convergente, e pensam apenas em uma resposta correta. Essas afirmações mostram que a criança bilíngue tem flexibilidade para elaborar uma resposta.

Crosby e Prescod (2009) reafirmam que a aprendizagem de uma LE na infância é favorável, pois o indivíduo bilíngue consegue associar distintas fontes de informações na linguagem e aplica-las a outras áreas do pensamento auxiliando na capacidade da

resolução de problemas. Os autores também reafirmam que as crianças bilíngues têm uma maior concentração ao realizarem atividades escolares em relação as crianças monolíngues, ou seja, as crianças bilíngues têm um controle atencional mais eficaz. Desta forma, segundo Bialystok (2007), a aprendizagem de LE na infância influencia beneficamente sobre o desenvolvimento cognitivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta Flory e Souza (2009), a aprendizagem de uma LE facilita o processo de desenvolvimento cognitivo. Diante do mundo globalizado em que estamos vivendo, a aprendizagem de LE tem sido algo muito procurado e crescente no Brasil, dessa forma, acreditamos que a educação bilíngue seja relevante. Neste trabalho tivemos como objetivo geral realizar uma reflexão sobre as implicações da aprendizagem de língua inglesa como LE no desenvolvimento cognitivo das crianças. Com isso, compreendeu-se que as implicações do processo de aprendizagem de LE são favoráveis para as crianças no desempenho de tarefas escolares e pessoais. Bialystok (2007) deixou claro quando afirmou que crianças bilíngues desenvolvem as habilidades cognitivas com maior rapidez em relação as crianças monolíngues.

Tínhamos como objetivos específicos: (i) discutir a aprendizagem de uma LE na primeira infância; (ii) apresentar e discutir os processos cognitivos na aquisição de L2; (iii) apresentar os principais benefícios do aprendizado de uma LE na infância; (iv) discutir o contexto da educação bilíngue nos anos iniciais no Brasil e (v) investigar os possíveis desafios enfrentados por crianças durante o aprendizado de uma LE.

Primeiramente, percebeu-se que a aprendizagem de LE ocorre quando o indivíduo já possui o conhecimento de uma L1. Esta aprendizagem, segundo as teorias discutidas, é mais propícia quando acontece na infância, pois é a fase que o cérebro armazena informações com menos limitações. Assim, a criança é capaz de aprender e decorar regras da língua com facilidade. A aprendizagem de LE acontece no contexto formal, seja numa escola regular, escola de línguas ou áreas afins. Ao inserir a criança no contexto bilíngue, os pais têm o propósito de que seus filhos não só aprendam outra língua, mas que eles se preparem para atuar no mercado de trabalho no futuro.

Em seguida observamos que os processos cognitivos na infância são o resultado da internalização de informações pelo indivíduo e da sua interação com o meio. Ao ter conhecimento da linguagem e do mundo que a cerca, a criança começa a ter percepção, memorizar, pensar, raciocinar e a expressar suas emoções, e através destes processos, ela desenvolve suas habilidades cognitivas. Ademais, entendemos que a educação bilíngue no Brasil é o ensino não só da LE mas das diferentes culturas, e que pode acontecer de formas variadas e em diferentes contextos. Nesse sentido, as pesquisas mostraram que alguns alunos ainda enfrentam desafios ao aprender uma LE, no fato de não conseguirem a fluência nas escolas regulares. Porém alguns autores afirmam que para ter implicações benéficas do bilinguismo o indivíduo não necessariamente precisa ter fluência da LE.

Por fim, relembramos a nossa hipótese de que as crianças inseridas no contexto bilíngue desenvolveriam as habilidades cognitivas de maneira mais fácil no contexto de escolarização. Como discutimos, a pesquisa bibliográfica permitiu que nossa hipótese fosse reforçada, as pesquisas apontaram que a aprendizagem de LE na infância tem vantagem e é benéfica para os processos de desenvolvimento cognitivo das crianças. Por isso, acreditamos que a aprendizagem de LE tenha relevância na formação intelectual do indivíduo.

Além disso, concordamos que a educação bilíngue parece ser a opção mais propícia para inserir as crianças brasileiras. Contudo, é preciso pensar em melhorias para esse tipo de educação no Brasil, pois não são todas as crianças que podem ter acesso aos programas bilíngues privados, e o ensino da LE nas escolas regulares não ocupa espaço suficiente nas práticas curriculares, assim dificultando que algumas crianças não consigam as benefeitorias do aprendizado de uma LE.

Com base nas pesquisas e discussões deste trabalho acreditamos também que mais pesquisas devam ser feitas, para que possamos conhecer mais sobre as implicações de uma LE na infância, pois mesmo tendo encontrado referências favoráveis a caráter do nosso trabalho, é relevante ampliar o conhecimento sobre esse assunto. Assim consideramos nosso trabalho como um guia de incentivo para ser estudado.

REFERÊNCIAS

AMARAL, V. **Como se aprende:** a visão dos teóricos da educação. Ed: UFRN. Natal, 2007. 208 p.

BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. 3. ed. Clevedon, England: Multilingual Matters, 2001.

BENCHIMOL, A. **Bilinguismo, educação bilíngue e escolas bilíngues**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

BIALYSTOK, E. Cognitive Effects of Bilingualism: how linguistic experience leads to cognitive change. Int. **J. Bilingual Education Bilingualism**. 2007.

BOLZAN, D. B. **Os desafios da Educação Bilíngue de escola em contexto brasileiro:** da construção do currículo à formação de professores. Rio Grande do Sul: ed. 7 de novembro de 2014.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

CANAGARAJAH, S. **Translingual Practice**: Global Englishes and Cosmopolitan Relations. New York and Abingdon: Routledge, 2013.

CROSBY, R.; PRESCOD, R. Effects of Bilingualism on Cognitive Abilities. **The annals of Gifu Shotoku Gakuen University**. Faculty of Foreign Languages p. 15-21, 2009.

DAVID, R. Professor quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da educação bilíngue. **Revista x**, Curitiba. v 12, n. 3, p. 178-193, 2017.

DIAS, F. O Desenvolvimento Cognitivo no Processo de Aquisição da Linguagem. **Letrônica**, Porto Alegre, v 3, n 2, p. 108, 2010.

ECKERT, K.; FROSI, M. V. Aquisição e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: princípios teóricos e conceitos - chave. **Domínios de Lingu@gem**, v. 9, n. 1, p. 198-216, 15 jul. 2015.

FERREIRA, A.; RÉGINER, N. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar,** Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010.

FLORY, E; SOUZA, M. Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento Infantil: vantagens, desvantagens ou diferenças? **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 41-61, 2009.

FRIZZO, C. **O Processo de Aquisição e Aprendizagem de Línguas e o Bilinguismo**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Inglesa) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2013.

GARCIA, O. **Bilingual Education in the 2 st Century**: a global perspective. 1. ed. New York: Wiley - Blackwell, 2009.

GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HARMERS, J; BLANC, M. **Bilinguality and bilingualism**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2000.

HIRSCH, N. Aquisição precoce de L2 e Desenvolvimento cognitive. **Salão de Ensino e Extensão Unisc**, Santa Cruz do Sul, v. 1, p 10, 2011.

HOEXTER, F. Educação bilíngue na educação infantil. **Revista Intercâmbio**, São Paulo v. 35, LAEL/PUCSP. ISNN 2237-759X, p. 18-37, 2017.

MEGALE, A. Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. São Paulo v. 3, n. 5, ISSN 1678-8931, p. 13, 2015.

MUNER, L; DIAS, I. Os Benefícios do Bilinguismo para o Desenvolvimento Cognitivo Infantil em Crianças de Dois a Seis Meses. **Revista Amazônica**, Manaus, v. 23, n. 1, p. 230-246, 2019.

NEVES, A - Língua adicional: contextos e contínua Polissema. **Revista de Letras do ISCAP**, v. 12, n. 1, p. 27, 2012.

OLIVEIRA, F. Noblat de; FILHO, M.; CASTRO, M. C. de. **Aquisição de Segunda Língua e Desenvolvimento Cognitivo.** 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Inglês) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

PAIVA, V. O. **Aquisição de Segunda Língua.** 1. ed Parábola Editorial, São Paulo, 2014.

PREUSS, E. Psicolinguística do bilinguismo: implicações em processos formais de aquisição de línguas**. Ilha do Desterro**, v. 72, n 3, p. 291-309, Florianópolis, set/dez 2019.

RODRIGUES, A. **TDIC e os Processos cognitivos**, Cuiabá, 2018.

SANTOS, R. Aquisição da Linguagem. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. São Paulo: contexto, 2003. p. 293-318.

SILVA, R. **Aquisição de Segunda Língua em um contexto de educação bilíngue**: processos dialógicos no trabalho pedagógico. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Departamento de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SOARES, M. Aquisição da linguagem segundo a psicologia interacionista: três abordagens. **Revista Gatilho**, v. 4, n 2, p. 24, Juiz de Fora, 2019.

STANICH, K; MEIRELES, S. Processamento cognitivo relacionado à produção em língua estrangeira e aprendizagem de falantes não-nativos de alemão. **Pandoemonium germanicum**, 14/2009, 2, p. 117-205, São Paulo.

TAFAREL, G. As Teorias de Aquisição de Segunda Língua. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVIII, Nº. 000127, 31/07/2018. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/artigo/teorias-de-aquisicao-de-segunda-lingua. Acessado em: 24 de Junho de 2022.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AGRADECI MENTOS

A Deus, por me dar forças e me proteger em todos os momentos, nessa caminhada que não foi fácil, a Ele toda honra e toda glória.

Aos meus pais, Ronaldo e Vitória, por todo amor e cuidado, por serem meu porto seguro em todos os momentos que pensei em desistir.

Às minhas irmãs, Raniclece e Roze, que se fizeram presentes em todos os momentos. A Roze, em especial, que além de cuidar de mim nos dias mais temidos, durante esse tempo, cuidou do meu cachorro (meu filhinho de quatro patas, Rick) nos momentos em que eu não pude.

Aos meus amigos, Filipe Marthiniano e Thaynar, por mesmo de longe se fazerem presentes nesses cinco anos de graduação.

A Rivaldo que tanto me ajudou durante o curso, tirando minhas dúvidas quando eu não compreendia o assunto de algumas matérias e por ser sempre solícito.

À Letícia Ramires, uma amiga que o curso de Letras-Inglês me presenteou, em tão pouco tempo se tornou uma grande parceira nas atividades acadêmicas e por se fazer presente nos dias turbulentos, com palavras de carinho.

Ao professor Celso, meu orientador, por toda ajuda desde o projeto de pesquisa, por toda paciência, compreensão e dedicação.

Aos professores que encontrei ao longo do curso de Letras-Inglês, que contribuíram para a minha formação docente, assim ajudando na realização do meu sonho, de me formar no curso de Letras-Inglês. Gratidão!